

DINÂMICAS DE AFIRMAÇÃO E RE-SIGNIFICAÇÃO DE IDENTIDADES. UM PROJETO CULTURAL EM CONSTRUÇÃO COM REFUGIADOS E IMIGRANTES CONGOLESES E ANGOLANOS

Dynamics of affirmation and resignification of identities. A cultural project in development along with Congolese and Angolan refugees and immigrants

*João Henrique Francalino**

*Maria Regina Petrus***

Palavras-chave: Migração; Identidade; Associativismo

Obrigado a todos que vão lendo, estudando e tentando dar um certo alívio nas nossas vidas, porque levamos ainda a esperança de ter dignidade nesse mundo.
(Soba Makangua Benjamim Dominique)

O artigo aborda diversos aspectos presentes na construção de um projeto cultural com refugiados e imigrantes congoleses e angolanos – e seus descendentes – na metrópole do Rio de Janeiro. Em termos gerais, objetiva-se contribuir para uma melhor inserção sócio-cultural desses grupos, tomando como parte importante das dinâmicas de integração a afirmação de identidades – já re-significadas pela experiência e realidade do refúgio e da imigração no Rio de Janeiro.

A preocupação de garantir o direito à cultura de origem aos imigrantes e refugiados e uma integração baseada no pluralismo e na interculturalidade, traduz-se, no projeto em foco, em ações efetivas para a

* Geógrafo. Professor da rede pública de ensino de 1º e 2º graus no Rio de Janeiro. Mestrando no Programa de Pós-graduação em Geografia da UFF, Rio de Janeiro.

** Professora de Geografia do Cap, UFRJ, Rio de Janeiro. Doutoranda do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ. Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios – NIEM.

valorização da cultura dos países e regiões de origem através de um resgate de narrativas da tradição oral.¹ Outro objetivo, mais específico desse artigo, é divulgar para pesquisadores e ativistas do campo problemático das migrações a associação de imigrantes e refugiados com a qual estamos construindo o projeto – Comunidade Ango-Congolesa do Brasil (CACB) – apresentando algumas informações mais relevantes e nossas observações iniciais, com o propósito de contribuir para um maior conhecimento da realidade desses imigrantes e de suas estratégias de organização coletiva.

Importa registrar que, na elaboração do trabalho apresentado no Seminário do CSEM e na elaboração desse artigo, contamos com a fundamental colaboração de diversos integrantes da diretoria da associação. Por um compromisso assumido pelos autores, todo o material produzido para a apresentação no seminário e o presente artigo serão disponibilizados para uso da associação.

Um projeto voltado para a autonomia

O projeto envolve imigrantes e refugiados² vindos de Angola, República Democrática do Congo e Congo (Brazaville) que fazem parte de uma associação criada em 2006, registrada como uma ONG. A CACB foi idealizada e organizada por um grupo que, em sua maior parte, reside na periferia da metrópole do Rio de Janeiro – mais especificamente na área da Baixada Fluminense, município de Duque de Caxias. Desde meados dos anos 80, concentravam-se ali “refugiados” e outros imigrantes vindos de Angola para o Rio de Janeiro, em sua maioria pertencente ao grupo etno-lingüístico *Bakongo/Kicongo*.³ Ao longo do tempo, passaram a residir, na área e nas proximidades, imigrantes em diversas situações jurídicas, provenientes dos três países já citados. Mais recentemente, o recrudescimento dos conflitos internos na República Democrática do

¹ O projeto em foco reflete experiência anterior de um trabalho cultural com imigrantes angolanos (1999/2001), mantém pontos de convergência com a participação da autora em um projeto mais amplo em fase de elaboração por pesquisadores do NIEM e tem interface com as pesquisas individuais de mestrado e doutorado dos autores.

² O termo refugiado é tomado aqui em sentido ampliado, considerando as situações bastante diversificadas dos imigrantes aqui referidos: refugiados com o estatuto, solicitantes de refúgio que aguardam o julgamento do pedido, ex-refugiados, pessoas que solicitaram o refúgio e tiveram o pedido negado e outros imigrantes que deixaram seus países em condições forçadas, mas que não solicitaram o refúgio ao chegar ao Brasil.

³ Conhecidos como “zairenses” ou “regressados”, esses angolanos da etnia Bacongo (norte de Angola) e seus descendentes retornaram a Angola após a independência, especialmente para Luanda. Vindos principalmente do antigo Zaire, para onde se deslocaram em função dos conflitos armados, muitos deles não falavam Português e sofriam discriminação em Angola por serem vistos como “estrangeiros”.

Congo e o agravamento de questões políticas naquele país acrescentaram novos contingentes de refugiados à população referida.

A comunidade contava, na sua fundação, com apenas 16 membros. Desde o início de 2007 vem conseguindo reunir cada vez mais associados – hoje já são quase 80 – entre os quais se encontram moradores de outros municípios da Baixada Fluminense (como Nilópolis), de diversas áreas do município do Rio de Janeiro (principalmente Brás de Pina, Centro, Estácio e Bairro de Fátima), de Niterói e redondezas, até mesmo de cidades de outros estados (São Paulo, Paraná e Santa Catarina).

Nosso interesse em conhecer a experiência da associação e nossa aproximação com a Comunidade de “ango-congoleses” desenvolveu-se através da proposta de construir, em conjunto com eles, um projeto de resgate da cultura de tradição oral, derivada de um dos objetivos do estatuto da associação que prevê “o desenvolvimento de projetos e atividades culturais para divulgar a cultura dos países de origem” dos imigrantes e refugiados africanos, como uma das formas de atuação da CACB com a comunidade residente naquela localidade – e que visam incluir também “brasileiros afro-descendentes”. Entendemos que a importância de um projeto dessa natureza está no resgate de tradições culturais comuns que podem funcionar como elementos básicos com força de agregação da comunidade, transmissão do legado cultural aos jovens e crianças, afirmação de uma identidade coletiva com atributos percebidos como positivos e, de forma geral, como um caminho de fortalecimento de iniciativas de associativismo.

Trata-se de um projeto de construção coletiva que pretende envolver, diretamente, membros da Comunidade e professores/pesquisadores (não apenas da academia) preocupados com uma abordagem interdisciplinar e com a interação teoria/prática. É norteado por um enfoque que se aproxima da chamada “observação participativa e da pesquisa-ação”. Como caminho metodológico para o estudo de experiências relevantes e práticas significativas nas pesquisas do campo problemático da imigração e do refúgio, tal abordagem mostra-se adequada àquelas investigações voltadas para os sujeitos migrantes; para ações junto aos imigrantes; permite uma “certa forma de compreensão”⁴ desses sujeitos e seus discursos no contexto das dinâmicas complexas de integração social no país de destino. Em termos mais gerais, esse trabalho aponta nosso interesse, já de muitos anos, em investigar a inserção social precária dos refugiados e imigrantes em

⁴ Com base em metodologia inspirada na hermenêutica dialógica de M. Bakhtin, desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Modernidade e Cultura (IPPUR/UFRJ), coordenado pelo professor Frederico G. de Araujo.

áreas urbanas desfavorecidas em termos de políticas públicas e presença do poder público – no caso em tela, uma zona periférica da metrópole do Rio de Janeiro, em um país com graves problemas sociais como é o Brasil.

Afirmção e re-significação de identidades no espaço social da imigração

A imigração e o refúgio são vivenciados como experiência dinâmica, a partir de uma constante interação de antigos e novos vínculos sociais, que se desenvolve no espaço social do Rio de Janeiro. Neste processo, diversas práticas e suas elaborações simbólicas resultam em mudanças dos sujeitos, de seus projetos, de suas perspectivas e dos olhares sobre a própria migração. Essa experiência no espaço da imigração está perpassada, também, por interferências de redes sociais que podem estender-se por uma escala nacional e transnacional.⁵

Como afirma Stuart Hall, “na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas”. E ainda: “as culturas sempre se recusaram a ser perfeitamente encurraladas dentro das fronteiras nacionais. Elas transgridem os limites políticos”.⁶

Os angolanos e congoleses em questão (como os imigrantes e refugiados de uma forma geral) foram submetidos a condições expulsoras em seus países de origem que os atingiram enquanto conjunto, mas construíram, a partir desse contexto, trajetórias individuais diferenciadas. Aqui recorreremos a Abdelmalek Sayad quando ressalta: 1) que o emigrante e o imigrante (que só “nasce” quando chega ao país de destino) são a mesma pessoa; 2) que para compreender a migração é preciso considerar sua “dupla dimensão de fato coletivo e trajetória individual”, ou seja, que as trajetórias dos emigrantes-imigrantes só podem ser analisadas se tomadas como expressões de um quadro social, político, econômico e cultural, sem “esvaziá-las” de suas peculiaridades e singularidades individuais.⁷ Pierre Bourdieu, nessa mesma linha, alerta para a importância de “não serem omitidas as causas, as questões, os motivos e sentimentos que determinam a partida e a diversidade de condições de origem, trajetórias e projetos dos emigrantes”. Para esse sociólogo e ativista da questão dos imigrantes, um

⁵ PETRUS, Maria Regina. Documento produzido para qualificação de doutorado no IPPUR/UFRJ.

⁶ HALL, Stuart. *Da diáspora – identidade e mudança cultural*, p. 26, 27 e 35.

⁷ SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*, p. 18.

olhar do pesquisador que ignora esses conteúdos da emigração iguala-os a todos através da análise dos “problemas” da imigração e dos imigrantes.⁸

De acordo com Fernando Ortiz, antropólogo que criou o termo “transculturização”, os imigrantes se vêem na posição de negociar entre duas culturas. Dessa maneira, “viver a experiência da migração significa ver-se obrigado a negociar com as novas culturas, sem ser totalmente assimilado por elas e sem perder completamente a própria identidade”. Ainda segundo ORTIZ,

É um processo no qual ambas as partes da equação resultam modificadas. Um processo do qual resulta uma nova realidade, composta e complexa. Uma realidade que não é uma aglomeração mecânica de características, nem sequer um mosaico, mas um fenômeno novo, original e independente. (...) A “criatura” sempre tem algo de ambos os progenitores, mas também sempre é distinta de cada um dos dois.⁹

A Comunidade Ango-Congolesa do Brasil: “precisa-se de uma história”

A formação da CACB representa uma estratégia de inserção social, econômica e cultural dos refugiados e imigrantes angolanos e congolese¹⁰ – e seus descendentes – na região metropolitana do Rio de Janeiro.

As organizações/associações de grupos imigrantes configuram-se, certamente, como espaço de fortalecimento dos laços entre os imigrantes e como uma maneira de acesso e ampliação dos recursos relacionais de redes sociais já existentes, com vistas ao atendimento de necessidades e objetivos comuns. Mesmo com diversos graus de organização e/ou institucionalização em termos legais, “as associações de imigrantes das mais diversas naturezas exercem um papel importante tanto na transmissão de informação e no apoio aos que chegam, passam ou partem”¹¹ quanto na reivindicação coletiva dos direitos dos imigrantes e na conquista dos mesmos. Como já indicado acima, as organizações e as comunidades

⁸ PETRUS, Maria Regina. *Emigrar de Angola e imigrar no Brasil* – histórias, trajetórias e redes sociais. (Considerações a partir de Sayad e Bourdieu).

⁹ ORTIZ, Fernando. *Cuban counterpoint*. Tobacco and sugar, p. 97.

¹⁰ A presença mais significativa de refugiados e imigrantes africanos no Rio de Janeiro ocorre a partir dos anos 90. Dos 3.889 refugiados que hoje vivem no Brasil, quase 80% são africanos, vindos principalmente de Angola e da República Democrática do Congo. A larga maioria é proveniente de Angola e, mais recentemente, cresceu a presença dos congolese. No Rio de Janeiro, em 2007, 71% dos refugiados eram angolanos, seguidos dos que vieram do Congo RDC – representando algo em torno de 8%.

¹¹ Baseado em: PÓVOA NETO, Helion. “Texto de apresentação”.

apontam a possibilidade de constituição de uma identidade coletiva; sensação de pertencimento a um grupo.

Contudo, como bem nos lembra Zigmunt Bauman, fazer parte de uma comunidade não é “encontrar o paraíso perdido”.

A palavra comunidade soa como música os nossos ouvidos. O que essa palavra evoca é tudo aquilo de que sentimos falta e de que precisamos para seguir mais seguros e confiantes (...). Existe uma diferença entre a comunidade imaginada e postulada, e a comunidade realmente existente. E há um preço a ser pago para viver em comunidade – o preço é pago em forma de liberdade (...). A tensão entre a segurança e a liberdade e, portanto, entre a comunidade e a individualidade, provavelmente nunca será resolvida. (...) Não achar a solução correta não deve nos levar a abandonar a busca – mas a continuar tentando. Sendo humanos, não podemos realizar a esperança, nem deixar de tê-la.¹²

A CACB parece ter potencial para ser uma experiência com caráter de efetiva agregação de angolanos e congoleses – o que não foi possível observar nos últimos dez anos nas diversas associações criadas por imigrantes angolanos (refugiados e outros) no Rio de Janeiro. Em nossos primeiros contatos com a Comunidade, fomos surpreendidos pelo grau de organização que já conseguiram alcançar; possuem um estatuto, um registro da associação já reconhecido em cartório e uma diretoria eleita.

A composição da diretoria¹³ caracteriza-se pela participação de membros nascidos nos três países já citados – embora não proporcionalmente – o que é entendido por eles como condição fundamental tanto para garantir a representatividade de todos na organização mais direta quanto para as negociações necessárias e para a busca (nem sempre fácil) de soluções para as divergências e conflitos. Consideramos que, muitas vezes, as divergências revelam visões de mundo e práticas que se confrontam, posto que informadas e marcadas pelas diferentes histórias vividas pelas sociedades dos três países e seus povos e, ainda, atravessadas por tradições e questões de natureza étnica.

A constituição dessa comunidade está inserida em um conjunto de estratégias e ações práticas presentes entre grupos de imigrantes/refugiados que se sentem marginalizados nas sociedades ditas de “acolhimento”. Na medida em que estes não alcançam em suas vivências concretas, a partir de esforços e estratégias individuais, aquilo que esperavam ou sonhavam em seus projetos de migração, procuram se organizar para buscar caminhos

¹² BAUMAN, Zigmunt. *Comunidade – a busca por segurança no mundo atual*, p. 11-26.

¹³ Constituída por nove membros com funções específicas, além de um conselho fiscal e um conselho consultivo constituídos por outros seis integrantes.

que possam torná-los indivíduos identificados para além da condição de “estrangeiros” no espaço social onde vivem e convivem; como integrantes de um grupo com uma identidade coletiva, uma comunidade integrada, grupo organizado que se percebe e busca ser percebido como coletivo de sujeitos atuantes na realidade em que vivem no país de destino.

No caso desse grupo de imigrantes africanos e seus descendentes, pesa ainda o fato de buscarem inserção numa estrutura social e econômica com graves problemas e grande desigualdade, onde existe um preconceito racial que se configura como um estigma sobre certos grupos imigrantes – como é o caso dos africanos, negros, estrangeiros, vindos de países pobres e desconhecidos, de “uma África” também representada com atributos muito negativos. Apesar de todas as adversidades, a maior parte desses imigrantes procura formas de integrar sua cultura pátria com a da sociedade de destino, ou seja, fogem do que podemos chamar de um essencialismo etno-cultural – o que percebem como necessário para viver melhor e conquistar maiores espaços.

Além de significar uma estratégia política de inserção social, enxergamos no projeto da CACB e no discurso dos seus membros – expresso como discurso do grupo através do estatuto da comunidade – uma clara tentativa de estreitamento das suas identidades culturais com a identidade cultural brasileira e uma espécie de reconhecimento de que já não pertencem mais a um único universo cultural – o das suas culturas originais – mas que “pertencem agora a dois mundos”. Os mais de quinze anos já vividos no Brasil por boa parte dos fundadores da CACB lhes deram essa percepção. Trazem nos seus discursos, mesmo que nos interstícios e nas entrelinhas, a idéia de que “nada permanece original, intocável, primordial. Tudo se modifica, afina e desafina, na travessia. Parece o mesmo, mas já não é nem pode ser o que era, salvo como memória, fantasia ou nostalgia”.¹⁴

Um aspecto interessante a se observar é a logomarca da comunidade, definida (após um acalorado debate) a partir de consenso entre os membros da CACB. A marca procura estabelecer de forma visual uma relação de identidade entre seus países de origem e o Brasil. Trata-se de uma imagem que traz entrelaçados os mapas do Brasil e do continente africano – este com três estrelas, que representam os países que compõem a comunidade criada. Fica registrada nesse ícone-identidade a tentativa de reconstruir ou reforçar suas identidades originais, (re)significando-as; porém, num claro processo de hibridação; conformando as culturas brasileira e a de seus

¹⁴ ORTIZ, Fernando, *op. cit.*

países de origem como componentes essenciais de “novas identidades”. O hibridismo, portanto, como resultante de um contínuo processo de transculturação; a identidade – migrante e mutante – abarcando antigos e novos elementos constituintes. Não mais, pois, nenhuma das identidades originais, embora guardando traços delas.

Destaca-se uma auto-referência dos membros dirigentes e primeiros associados da CACB como “descendentes das populações do antigo Reino do Kongo¹⁵”. Desde o nosso primeiro contato com a Comunidade, essa origem comum foi enfatizada e é acionada especialmente nos momentos de discordâncias e disputas internas. Uma frase que muito nos marcou: “Somos todos congolezes, com K”.

Em uma longa conversa para a preparação deste trabalho, ouvimos e gravamos a história da CACB e seus objetivos. Nessa história, a pertença original e comum a esse território-identidade-história-povo-cultura é o elemento central.

A CACB não pertence a ninguém. Ela é independente, não tem ligações com as instituições que representam os países aqui. A CACB surgiu como uma idéia para se opor a uma falta de união para os angolanos e congolezes. O objetivo era criar uma organização que ajudasse a superar as dificuldades da vida em geral; muitos africanos aqui vivem situações muito difíceis. Os que chegam enfrentam coisas difíceis e entre os africanos é parte da cultura ter que ajudar os que chegam de seu país. (...) Um objetivo importante da CACB é servir como uma base de apoio aos refugiados, aos que têm crianças, e quando eles ficam sem receber qualquer apoio das instituições. As pessoas que vêm para cá nem sempre vêm porque têm parentes ou amigos aqui, mas porque aqui moram já muitas pessoas do seu país. E porque tem a facilidade do visto. Mas sempre tem algum conhecido das famílias. (...) A idéia mais importante da CACB era resgatar a história perdida. Porque é necessário divulgar, deixar as pessoas conhecerem a verdadeira história (...) não a história do vencedor, do que têm o poder. Essa é a história que vocês conhecem (...) A verdadeira história vai explicar como nasceu Angola, Congo Kinshasa e Congo Brazzaville; e como todos esses países são partes do Reino do Kongo – têm uma mesma tradição cultural e ela pode ser verificada até hoje nas comidas, na língua que falamos – o *Kikongo*, nos casamentos entre pessoas de famílias dos três países. (...) A história do Reino do Kongo eu vou contar para vocês. Antes dos portugueses chegarem (...) a sua majestade que reinava em toda aquela parte da África era o Rei *Kongo Dia N'tutila*. (...) A palavra *Kongo* quer dizer que não pertence a ninguém. Significa procurar paz, tranquilidade, lugar para plantar. A cultura era baseada no respeito às leis. A capital do Reino do Kongo era *N'Banza Kongo*. O povo considerava que o Reino era o mundo e as capitais das províncias eram países. Cada província tinha seu governador – o

¹⁵ O Reino do Kongo ou Império do Kongo foi um reino africano localizado no sudoeste da África no território que hoje corresponde ao noroeste de Angola, a Cabinda, à República do Congo, à parte ocidental da República Democrática do Congo e à parte centro-sul do Gabão.

N’Kokolo. O reino tinha um Senado. As leis eram elaboradas pelos senadores e sancionadas pelo Rei *N’tutila*. As leis eram proclamadas debaixo de uma árvore misteriosa, o *Kulumbin*. Daquela árvore saía sangue. As folhas não caíam. Ninguém sabia explicar quem varria aquele lugar embaixo e em volta da árvore (...) O lugar era chamado de sombra parlamentar.¹⁶

A partir de nossa interação com a Comunidade, do material a que tivemos acesso e de nossas observações ainda iniciais,¹⁷ elaboramos algumas considerações e questões. A questão primeira é perceber como eles pensam e como constroem seus discursos sobre aquilo que identifica o grupo, o que é a CACB e seus objetivos. Formulamos muitas perguntas sem respostas, ou melhor, sem uma resposta única, pois se trata de um movimento de identidades, um trançar de identidades, num contexto marcado por temporalidades e espacialidades também em movimento.

Do nosso lugar de pesquisadores e de nossas ‘posições de sujeitos discursivos’, uma observação importante sobre as divergências dentro do grupo é o fato de emergirem nos momentos de maior embate as questões étnicas, restos de antigas rivalidades, da história política dos três países e de cada grupo dentro da CACB, sempre entrelaçadas com marcas da trajetória de cada sujeito e sua visão própria do que seria essa identidade da Comunidade. Identidade ‘criada’ e que eles querem fortalecer como elemento a recorrer para a superação das disputas ou para estar sempre acima das diferenças.

A partir do registro da história acima apresentada, surgiram outras versões e algumas discordâncias. Especialmente sobre a língua original do Reino do *Kongo*, uma vez que acionar o Reino do Kongo como identidade é acionar um território de várias outras etnias e não só do grupo etno-lingüístico *Bakongo/Kikongo*. Esse exemplo de situação vivida com o grupo nos parece rico para análise da dinâmica de identidades em disputa e em movimentos de re-significação. Perguntamos se era possível dizer que os integrantes da CACB eram majoritariamente angolanos e congoleses da etnia *Bakongo* e qual era a língua de origem africana comum a todos eles, qual a língua que falavam entre si e ali nas reuniões. Ouvimos as seguintes respostas: “Todos falamos a mesma língua que é o *Kikongo*, mas há vários tipos de *Kikongo*. Dependendo da área de onde veio a pessoa, as línguas

¹⁶ Essa história nos foi contada pelo assessor político da Comunidade (natural do Norte de Angola), indicado pela diretoria para nos falar sobre a história da CACB. A seqüência de alguns períodos da narrativa precisou ser alterada. Pode haver erros nossos na grafia dos nomes e palavras de origem africana.

¹⁷ Observações já informadas pela experiência de pesquisas anteriores e por uma base teórica – pontuada nesse texto de forma muito breve e seletiva.

se misturaram”. “Não, a língua comum a todos nós é *Lingala*. Todos aqui falam *Lingala*”.

Coletamos algumas explicações para a variedade de respostas. Uma delas foi: “(...) alguns querem dizer que o *Kikongo* é a língua de todos da CACB porque essa era a língua do Rei e da Rainha do *Kongo*. *Lingala* é uma língua que era falada no Reino de *Kongo* e que se expandiu para além do território do Reino e até hoje é falada não só nos três países – Angola, Congo Kinshasa, Congo Brazaville, mas em outros países vizinhos ao Congo Kinshasa”.

É possível concluir, por certo, que o elemento identitário central – o Reino do *Kongo* – é um território mítico e ao mesmo tempo histórico, ou histórico-mitificado.¹⁸ Outros elementos são a língua e a etnia, ou melhor, os dois imbricados, elementos que não se separam – como bem argumentaram alguns dos imigrantes.

Se podemos, contudo, afirmar que acionam uma identidade¹⁹ que apaga as fronteiras nacionais demarcadas pelos colonizadores (e que ainda hoje determinam os territórios nacionais dos três países), a questão da etnia (ou das etnias), de quem faz parte dessa identidade original e sagrada e, portanto, quem pode ou não vir a fazer parte da CACB, revela muito do que destacamos anteriormente sobre a tensão entre a comunidade idealizada, inventada, imaginada e a comunidade que existe de fato. Releva a busca da força e do apoio do grupo, da necessidade de pertencer. Mas, tudo isso em relação dialética com outros elementos. Aparente contradição a ser analisada como algo presente em uma relação dialógico-discursiva²⁰ no curso do desenvolvimento da pesquisa-ação.

Há, para nós, um longo caminho pela frente na busca de compreensão desses discursos. Discursos que se constroem e desconstroem em um contexto de diferenças internas ao grupo, por entre relações de poder, no jogo de disputa de identidades, nos conflitos presentes ou que se (re)fazem presentes a partir de uma história passada no país de origem e, ainda, por outras vivências, já como imigrantes e refugiados no Rio de Janeiro. Como campo específico desse jogo discursivo, o espaço de uma associação que quer se fortalecer através dos compromissos assumidos

¹⁸ Verifica-se nesse caso uma identidade que explicita um território sendo instituída em um mesmo processo discursivo em que é constituído (como signo) o território. Ver bibliografia: ARAUJO, Frederico. “Identidades e territórios enquanto simulacros discursivos”.

¹⁹ Identidade que corresponde ao que Rogério Haesbaert denomina de uma “identidade territorialmente mediada”. Ver indicações complementares na bibliografia.

²⁰ Nos termos de Mikhail Bakhtin, os integrantes da CACB são sujeitos sociais, sujeitos discursivos em diferentes posições relacionais, que constroem discursos com uma intenção, pressupondo as possíveis respostas. O sentido desses discursos é construído no processo de interdiscursividade dialógica.

pelo grupo, com empenho e esforço de organização e superação das dificuldades.

Histórias, canções e outras narrativas de tradição oral como elementos para afirmação de uma identidade coletiva

É a partir do entendimento anteriormente apontado sobre as migrações e os imigrantes/refugiados que concebemos a relevância de construir com os sujeitos migrantes aqui enfocados, um projeto cultural que objetiva contribuir para o resgate da memória cultural, através da oralidade e da tradição de contar histórias. Em um plano mais geral o projeto objetiva: 1) a preservação de elementos da tradição cultural entre os imigrantes e seus descendentes através de histórias e canções da tradição oral do Congo e de Angola – especialmente daquelas das regiões de origem dos integrantes da comunidade; 2) a afirmação da herança africana como uma forte marca na cultura do Brasil em diversas áreas tais como a dança, a música, a literatura, o folclore e a culinária. A proposta mais concreta de realização do projeto é conjugar músicas e contos populares angolanos e congolezes, no sentido de valorizar a rica memória oral que os imigrantes e refugiados possuem – característica fundamental de sua cultura.

Em uma primeira etapa pretende-se a realização de uma oficina de histórias, canções e brincadeiras tradicionais de Angola e do Congo. A oficina deverá ser ministrada pelos professores/contadores de histórias que integram o projeto e contar com a atuação de alguns integrantes da associação como monitores. O objetivo mais específico é formar um “grupo local de cantadores e contadores de histórias” que possa multiplicar a experiência da primeira oficina e passe a caminhar de forma autônoma e de acordo com o *feedback* da própria comunidade local.

Considerações finais

Pretende-se que o projeto aqui apresentado possa trazer outras contribuições para o grupo diretamente envolvido com o trabalho que tem por base a tradição de contar histórias. Consideramos que o resgate das histórias de tradição oral e o ato de contá-las permitem uma reorganização da memória²¹ e favorecem uma reestruturação interna de indivíduos que em suas falas nos deixam perceber uma fragmentação identitária – como

²¹ POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”.

nos indica Walter Benjamin.²² Há certas situações, quando a linguagem racional entra em colapso, em que a comunicação se torna mais fácil através dos mitos, dos arquétipos, das emoções.

Acreditamos que esses imigrantes podem elaborar um processo de resistência de natureza cultural-identitária em um contexto marcado pela hibridação de culturas/identidades. Em conversas informais com alguns integrantes da comunidade, percebe-se notadamente entre aqueles que já chegaram há mais de uma década, a forte identificação que já criaram com o Brasil a ponto de não demonstrarem expectativas de retorno para viver na terra natal. Não estamos aqui ignorando as condições atuais dos países de onde são provenientes os imigrantes enfocados. Países que enfrentam situações de guerra ou conflitos armados regionais, onde não há liberdade e direitos políticos democráticos e, sobretudo, países que ainda não oferecem condições de uma vida digna para que possam retornar. Tampouco se pode desconsiderar a perda da esperança de migrar para os países da Europa onde muitos têm parentes próximos, em função das crescentes barreiras e todo tipo de dificuldades que são impostas aos imigrantes e solicitantes de refúgio. Para além dessas questões, vínculos de outras naturezas (constituição de família e círculos de amizade, de trabalho e de vizinhança construídos aqui) influenciam seus projetos de permanência e reforçam a identificação do Brasil como local de permanência e não apenas de passagem ou de estadia provisória.

Vemos a CACB como uma experiência significativa de associativismo e com um caráter inovador na história das associações de imigrantes africanos no Brasil. Comunidade que vai sendo construída com autonomia por sujeitos que procuram reduzir, através de atuação coletiva, as dificuldades de uma inserção precária no espaço da imigração – infelizmente, até o momento, sem nenhum apoio concreto para seus projetos.

Bibliografia essencial

- ARAUJO, Frederico Guilherme B. "Identidades e territórios enquanto simulacros discursivos", in ARAUJO, Frederico; HAESBAERT, Rogério (orgs.). *Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos*. Rio de Janeiro: Access, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética de la Creación Verbal*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1992.
- BAUMAN, Zigmunt. *Comunidade – a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

²² BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*.

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo. Brasiliense, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HAESBAERT, Rogério. "Território, Cultura e des-territorialização", in CORRÊA, Roberto; ROSENDALL, Zeny (orgs.). *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- ORTIZ, Fernando. *Cuban counterpoint. Tobacco and sugar*. Durham, NC: Duke University Press, 1995.
- PETRUS, Maria Regina. *Emigrar de Angola e imigrar no Brasil – jovens angolanos no Rio de Janeiro: histórias, trajetórias e redes sociais*. Dissertação de Mestrado. IPPUR – UFRJ, 2001.
- POLLAK, Michael. "Memória, esquecimento, silêncio". *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- PÓVOA NETO, Helion. "Texto de apresentação". *Revista Travessia – CEM*, ano XII, n. 34, 1999.
- RAMELLA, Franco. "Por un uso fuerte del concepto de red en los estudios migratorios", in OTERO, H.; BJERG, M. *Inmigración y redes sociales en la Argentina moderna*. Tandil: CEMLA/IEHS, 1995.
- SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998, p. 18.